

RESEÑAS
DE LIBROS

RESENHAS DE LIVROS
BOOK REVIEWS

LA EFICACIA TERAPÉUTICA DEL PSICOANÁLISIS

A EFICÁCIA TERAPÊUTICA
DA PSICANÁLISE

THE THERAPEUTIC EFFICACY
OF PSYCHOANALYSIS

Nora Sternberg Rabinovich
Asociación escuela Argentina de Psicoterapia para Graduados
ORCID: 0009-0001-9852-0244
Correo electrónico: norarabinovich@gmail.com

Recibido: 12-05-2024
Aceptado: 26-05-2024

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article
Sternberg Rabinovich N.. (2024) LA EFICACIA TERAPÉUTICA DEL PSICOANÁLISIS
Intercambio Psicoanalítico 15 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/15.1.13/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

A EFICÁCIA TERAPÊUTICA DA PSICANÁLISE

Resenha realizada por
Nora Sternberg
Rabinovich¹

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade de Buenos Aires. Professora da AEAPG em convênio com a UNLAM. Ex-secretária científica da AEAPG. Ex - delegada da AEAPG na FLAPPSIP. Supervisora do Centro de Orientação e Pesquisa Dr. Arnaldo Rascovsky. Coautora do livro *Modelo para armar, la constitución del psychismo*, compilado por Graciela Jaimsky. É autora de inúmeras obras sobre diferentes temas da psicanálise.

Osvaldo Maltz é Psicanalista, Mestre em Psicanálise, supervisor clínico e jurado de tese na Universidade Nacional de La Matanza. Lecionou na Faculdade de Psicologia da Universidade de Buenos Aires e nos seminários de pós-graduação da Associação Argentina de Psicoterapia para Graduados (AEAPG), instituição da qual é membro titular. Publicou inúmeros artigos e trabalhos apresentados em congressos e conferências científicas. Nesta ocasião comentaremos seu livro *A Eficácia Terapêutica da Psicanálise*. O livro é apresentado em sua nota editorial da seguinte forma:

Os novos modelos culturais marcados pelo pós-modernismo e pela globalização desubjetivante oferecem a promessa de soluções rápidas, a fascinação pelo imaginário, a ilusão do ilimitado e o desprezo pela reflexão e busca da verdade, que constituem eternos paradigmas da psicanálise.

A eficácia terapêutica impulsiona a clínica psicanalítica, que não pode se sustentar em uma mera ambição intelectual de conhecer o inconsciente. Lacan enfatiza um interesse contínuo pelos resultados da análise quando afirma que “a cura vem por acréscimo” e esclarece que nosso dever como analistas é melhorar a posição do sujeito.

A eficácia específica da prática analítica reside no acesso a um outro modo de leitura que permita atribuir novos sentidos que abalem fixações parasitárias. Não propõe um ideal de normalidade, mas se interessa pela escuta da singularidade de cada demanda particular.

Em tempos da insuportável leveza do ser, em um mundo egocêntrico onde reina a comunicação banal, o culto ao infantilismo psíquico, a captura da aparência, a expansão de prazeres narcisistas e consumistas, a escuta analítica oferece a oportunidade de dar voz ao sofrimento psíquico.

Este livro constitui uma ferramenta para questionar como a psicanálise cura e sustentar o desafio que as demandas terapêuticas próprias do mal-estar cultural de nossa época implicam.

A clínica atual nos apresenta novos questionamentos e desafios nos modos de abordagem e nos recursos técnicos utilizados quando a intervenção analítica precisa lidar com o inrepresentável, não significado ou inventado, pois é um terreno além do levantamento das repressões, da recuperação de memórias infantis e da elaboração de representações dolorosas.

Nos dias de hoje, a tarefa analítica tem um valor agregado que é a criação das condições de possibilidade para que um paciente se torne sujeito. Nesse sentido, a construção contribui para essa função subjetivante ao escrever uma história, criar trechos escriturais faltantes, inventar o psíquico.

“Um livro cujo título é precisamente *A eficácia terapêutica da psicanálise* vem ocupar um espaço necessário, imprescindível, não para resolver de forma definitiva as dúvidas que surgem, mas para manter os temas em movimento e sugerir caminhos que nos auxiliem no dia a dia de nossa tarefa” (Prólogo, Hugo Litvinoff)

Na nossa opinião este livro convoca o leitor, psicanalista, a se identificar com os questionamentos de nossa época como praticantes da psicanálise, identificados tão bem pelo autor.

Interrogações como uma bússola que nos permite percorrer uma trama teórica que não se contenta apenas com Freud ou Lacan, mas se abre para outros autores, gerando diferentes perspectivas.

O recurso de iniciar os diferentes capítulos com citações literárias antecipa o que vamos ler, tornando evidente a afirmação freudiana de que o poeta antecipa o psicanalista.

Os capítulos são ágeis, contendo as páginas necessárias para a apresentação e argumentação de cada problema clínico, sem meandros desnecessários, de maneira clara, acessível e com fundamentos sólidos, geralmente ilustrados por vinhetas clínicas.

Os questionamentos que Osvaldo levanta não são leves, por exemplo: O que se pretende com a cura analítica? Ou quais modalidades de intervenção do analista podem ser as indicadas? Especialmente quando não se trata apenas de levantar repressões, mas de inventar o psíquico, aquilo que continua a não ser escrito, construindo, através da construção, ao melhor estilo freudiano, uma trama simbólica “que permita dar borda ao buraco (vazio representacional) como um tecido que amarra e restitui, (...) delimitando o gozo pulsional”. A construção, como intervenção diferencial da interpretação, é considerada por alguns autores como uma modalidade de intervenção no registro do real. O autor argumenta profundamente sobre a validade de seus recursos na hora de intervir, sem se ater a fórmulas universais e validando aquilo que vai além da interpretação do reprimido.

Problemas clássicos da psicanálise, como lutos, traumas, adições, neuroses e perversões, são abordados a partir da colheita pessoal do autor, generosamente nos oferecendo o que ele colheu ao longo de sua trajetória.

A propósito da histeria, ele aponta que a histérica não se faz representar pelo sintoma da mesma forma que um significante representa o sujeito para outro significante na associação livre à qual o analista convida, mas sim se mostra com o corpo na cena transferencial. A vinheta clínica é muito oportuna para que o leitor possa entender claramente a que se refere e de que maneira é possível operar para que o que não tem palavra possa entrar no discurso analítico. Isso não significa que ele pretenda generalizar intervenções que sempre serão operativas se respeitarem a singularidade do sujeito e de seu tempo transferencial. Esta é uma questão que o autor destaca desde o primeiro capítulo.

Osvaldo nos faz cientes de suas reflexões e incertezas sobre como intervir quando aquilo que se apresenta está fora da palavra e quando ele arrisca uma intervenção, sabe que ela é sem garantias. Seu efeito será visto posteriormente. Assim, ele aponta uma diferença entre o que ocorre por meio da associação livre e o que é dado a ver na cena, legitimando as intervenções não interpretativas.

Ao contrário dos pós-freudianos, ele considera que nem tudo o que ocorre em uma análise precisa ser passível de interpretação. Ele abre a possibilidade de intervenções nos três registros, real, simbólico e imaginário, cujo centro é sempre o objeto freudiano da pulsão.

Na seção intitulada "Idealização de novos paradigmas", ele diz: "(...) o intercâmbio interdisciplinar e interdiscursivo também pode se tornar uma suposição expectante de um discurso não submetido à castração, buscando um discurso mestre, hegemônico, que forneça respostas absolutas e satisfatórias", afirmação que o autor relaciona às vicissitudes narcisistas dos analistas na busca ilusória de uma teoria que idealmente responda a tudo o que se apresenta na clínica, apontando assim que a negação da castração não é alheia aos psicanalistas.

A corrupção aparece no texto quase como uma entidade clínica que merece reflexão, citando: "O corrupto, em suas múltiplas apresentações, estaria veiculando a livre satisfação pulsional, em uma posição sádica torna-se mestre dominante, uma versão atualizada do pai da horda primordial". Como vemos, o autor não hesita em nos fazer chegar suas apreciações sobre temas desconfortáveis tanto para seus colegas como para outros sociais, sem pretender um olhar sociológico, mas estritamente psicanalítico.

Não quero concluir este comentário sem mencionar os efeitos no sujeito, como aponta o autor, dos mal-estares na cultura de nosso tempo, prenhes do discurso capitalista. Ele enfatiza a sempre falha operação da lei paterna, mas se detém em singularizar as características que essa falha assume em relação à época.

Em relação às dificuldades na simbolização e ao impulso para a impulsividade, características da época, que muitas vezes foram diagnosticadas como patologia borderline, o autor argumenta profundamente que se trata de neuroses, já que estas não estão isentas de se mostrar em vez de dizer-se.

Este livro é o legado de uma jornada pelas problemáticas mais candentes e atuais que a psicanálise nos apresenta, um legado para aqueles que estão aqui e para os que virão. Não é preciso dizer que recomendo sua leitura.